

À guisa de apresentação: Universidade e movimentos sociais – uma proposta metodológica

*Cristiana Tramonte**

Neste ano de 2010 o Núcleo Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais da UFSC completa 15 anos de existência. Durante todo esse período procuramos desenvolver uma concepção de universidade que dialogasse estreitamente com setores sociais invisibilizados ou excluídos, em razão de uma concepção de saber e construção do conhecimento que ignora o caráter essencial inclusivo e democrático da educação. Nessa perspectiva, desenvolvemos nosso trabalho em torno da educação intercultural.

Com a liderança do professor Reinaldo Matias Fleuri, construímos nossa concepção de pesquisadores e elaboramos uma perspectiva de pesquisa, que é também uma proposição de vida. Durante esse percurso, cruzamos com vários parceiros que contribuíram para a consolidação dessa visão de conhecimento – parceiros diretos, ativos, do dia a dia, e também parceiros que nos iluminaram às vezes à distância por meio

de suas obras, como o educador Paulo Freire e outros.

Foi no bojo do Núcleo Mover que muitas dessas concepções puderam ser exercidas e consolidadas, advindas de nossa prática de décadas oriunda da educação popular e militante das causas que envolvem a democracia e a justiça.

Muitos fatos promovidos e/ou vivenciados pelo núcleo emocionaram e fizeram história; muitos eventos congregaram e formaram laços poderosos de companheirismo, solidariedade, amizade ou identidade acadêmica. Todos, de fato, consolidam uma visão de universidade que contempla a diversidade, que busca a promoção de vozes silenciadas e a projeção de grupos invisibilizados, ao mesmo tempo em que coopera para a formação de subsídios teórico-metodológicos que auxiliem na sustentação dessa práxis.

* Doutora em Ciências Humanas pela UFSC em nome da equipe do Núcleo Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais da UFSC.

O espaço é pequeno para relatar os múltiplos e plurais espaços em que o Núcleo Mover foi, e é, ator e sujeito. Gostaríamos apenas de deixar uma breve reflexão sobre nossa ação acadêmica, acreditando que essa maneira de “fazer universidade” traz, intrinsecamente, uma concepção metodológica e de pesquisa como a base sobre a qual temos assentado nossa produção do conhecimento.

Metodologias participativas na pesquisa acadêmica

A proposição de metodologias participativas na pesquisa acadêmica representa um desafio para todos aqueles que se preocupam com a questão da democratização do conhecimento na atualidade. Especificamente quando se atua investigando realidades complexas que envolvem grupos que possuem dinâmicas culturais e sociais próprias, que fogem à lógica da pesquisa acadêmica tradicional, é importante atentar para os processos de pesquisa, mais do que para os produtos em si ou para a investigação concluída.

As lógicas tradicionais de investigação acadêmica por vezes legitimam o fosso entre pesquisador e grupo pesquisado. Até mesmo o termo “objeto” de pesquisa delimita uma posição determinada deste último. A relação entre pesquisador e pesquisado deve se basear na dialogicidade, na construção da interação entre pares, no reconhecimento de que, mais do que “objetos de

pesquisa”, trata-se de localizar “sujeitos de pesquisa”. É a partir da inter-relação entre pesquisador e pesquisado que o conhecimento será construído em sua complexidade, superando estereótipos e folclorismos e criando uma relação horizontal na produção investigativa.

Nesse sentido, os pares envolvidos – pesquisador e pesquisado – são ativos durante todo o processo e deverão, numa relação dinâmica, ser interlocutores também ao final, quando os elementos de pesquisa serão socializados e debatidos com todos os interessados, a fim de que possam se apropriar dos resultados.

Pressupostos da metodologia de pesquisa: uma concepção de construção do saber

A investigação no campo da educação e pesquisa intercultural pressupõe uma estreita aproximação com o universo pesquisado, porque, para compreender o âmbito das relações entre diferentes práticas, concepções e universos, é necessária uma abertura teórico-prática à diversidade. À luz das contribuições teórico-metodológicas de Paulo Freire, podemos refletir sobre a coerência dos procedimentos acadêmicos da pesquisa junto aos grupos pesquisados.

Com base nesse pressuposto, algumas reflexões podem auxiliar nos procedimentos. Não se trata de construir “modelos” ou “regras de comportamento do bom pesquisador”; são apenas algumas considerações que poderão auxiliar na abertura do campo de pesquisa e na

construção de uma relação mais fraterna, sólida e duradoura entre pesquisados e pesquisadores, valorizando os saberes de parte e parte, considerando os saberes populares como ponto de partida fundamental para a construção do conhecimento acumulado pela humanidade.

Essa relação poderá implicar, inclusive, uma qualidade intelectual maior do trabalho realizado, já que este, mais aproximado do campo de pesquisa, poderá contribuir para a construção de processos de cidadania na relação universidade e comunidade.

1. Coparticipação: é importante que o grupo pesquisado seja “cúmplice” da proposta de pesquisa; que se sinta integrado e coautor do processo. É evidente que o resultado final é o ponto de vista do autor e resultado de suas interpretações pessoais, mas é importante que a opinião dos sujeitos investigados esteja contemplada e seja parte relevante e indicadora do todo.
2. Respeito aos sujeitos/grupos pesquisados: é fundamental considerar o grupo como sujeito, não como mero objeto de pesquisa, do qual será extraído o que interessa e nada será devolvido, perdendo essa dimensão do processo que integrou e de seus resultados. Assim, o respeito ao sujeito implica a devolução aos entrevistados, o que deverá ser permanente, tanto parcialmente – cópias da entrevista feita, das fotos etc. – como ao final,

do texto pronto após ter vindo a público. Ouvir sugestões e considerações também é um passo importante na relação pesquisador-pesquisado e cria, certamente, laços muito mais fraternos e esclarecedores quando se trata de investigações dessa natureza.

3. Transparência: quando alguém é convidado para integrar uma pesquisa como sujeito e objeto dessa, é relevante manter a transparência durante todo o processo. Isso significa que é recomendável que não constem do trabalho final os fatos e afirmações que não tiverem sido autorizados pelos informantes. Há situações em que esses são pessoas pouco letradas ou pouco habituadas às regras do trabalho teórico. Nesse caso, a questão ética torna-se ainda mais relevante e espera-se que o pesquisador tenha bom senso para não integrar o texto final com dados que poderão prejudicar a outros. Os “furos de reportagem” só terão sentido, nesse caso, se não comprometerem os envolvidos com consequências negativas para sua vida pessoal e social.

A contribuição teórico-metodológica inspirada em Paulo Freire: ressignificando a pesquisa acadêmica

a) Sobre a pesquisa de campo

Na perspectiva freiriana, a aproximação e a convivência com os sujeitos de pesquisa são a base para a compreensão dos fenômenos educativos e sua complexidade. Desse ponto de vista, o pesquisador deve estar aberto a assimilar os diferentes elementos que emergem desse campo, de forma a compreender a múltipla e entrecruzada relação de causa e efeito entre os fatos.

Assim, não há verdades absolutas preestabelecidas. O “campo” da pesquisa pode, assim, surpreender o pesquisador com sua dinâmica própria, densa, eivada de lógicas próprias não previstas pelas hipóteses iniciais do pesquisador.

Ainda dentro dessa postura freiriana de diálogo e respeito com o campo e sujeitos de pesquisa, o pesquisador, por vezes, defronta-se com suas próprias convicções, como se estas fossem o principal inquiridor do pesquisador em sua trajetória. Por vezes o pesquisador, enquanto indivíduo, encontra-se diante do “espelho” quando confrontado com valores contrários aos seus e que deverão ser respeitados, incluídos e considerados no decorrer da pesquisa. Nesse momento, o pesquisador está em xeque por sua própria ação investigativa, que pergunta sem cessar e sem aceitar respostas evasivas.

Por vezes, o campo contraria suas verdades (hipóteses) preconcebidas e construídas durante anos de ação empírica. Nesse momento, na concepção freiriana, devem prevalecer a “humildade do pesquisador” e a supremacia do espírito científico. Entenda-se “espírito científico” não aquele que emana somente dos conhecimentos sistematizados pela produção erudita, mas que dialoga com o conhecimento que emana da realidade em si.

A humildade do pesquisador de que fala Freire também é uma das premissas do sujeito que investiga diante de um saber que ainda lhe é desconhecido. Por vezes, no diálogo com o grupo investigado, os indivíduos pertencentes a este são portadores de um conhecimento ancestral, o qual o pesquisador deseja acessar. Neste caso, deve reconhecer a sua incipiência nesse saber acumulado e a posição de aprendiz diante do desenrolar do mesmo pelos sujeitos detentores desse conhecimento.

Adotando essas posturas, por vezes cria-se uma forte relação de empatia e confiança entre pesquisador e sujeito, ou grupo pesquisado. Nesse momento há como que um duelo entre ética e informação. Pode-se dizer que, quando o entrevistado “abre o coração e confia em você”, o grande desafio é conciliar e selecionar dados coletados e informados que não prejudiquem o grupo e, ao mesmo tempo, preservem o espírito investigativo como premissa. Desse modo, é importante discernir entre pesquisa e “furo” de reportagem, de modo a preservar e respeitar a segurança do grupo e/ou sujeito.

b) A construção do texto resultado da pesquisa

A concepção freiriana influencia e determina também a forma de construção do texto que sistematiza a pesquisa.

Nesse sentido, o autor necessita “despir-se” do colonialismo cultural, escolhendo parceiros de diálogo que possam auxiliar na tarefa de ajudá-lo a “ler” a realidade. Isso implica considerar que há autores nacionais, regionais e locais e que a produção de conhecimento nesses âmbitos é matéria primordial para sua análise. Despir-se do colonialismo cultural não significa qualquer tipo de xenofobia, não significa ignorar a produção teórica dos chamados “países desenvolvidos”; significa apenas não lhes dar a supremacia absoluta de verdade científica sem confrontar esses saberes com os saberes locais que emergem das realidades envolventes do campo empírico da pesquisa.

A construção da bibliografia, nesse sentido, deve ser também aberta à diversidade de saberes, esses compreendidos numa relação horizontalizada, na qual, se houver supremacia, esta se dará pela capacidade de interpretar a realidade, não pela origem colonial historicamente dominadora de seus autores.

Essa perspectiva implica também a valorização da voz dos sujeitos da pesquisa como fonte autêntica de saber – que dialogam em pé de igualdade com os autores, realizando um encontro/confronto/encontro das diferentes perspectivas oriundas de experiências teórico-metodológicas diferentes. Essa possibilidade leva à superação da segmentação entre teoria e prática, que,

por vezes, gera um texto fragmentado entre referencial teórico e pesquisa de campo, na qual esta ganha, outras vezes, *status* de complemento secundário em relação ao primeiro. Na dinâmica do trabalho investigativo, significa abertura à investigação epistemológica, não ser “dono da verdade”, sempre tendo presente que a pesquisa não se destina a confirmar a pré-opinião de quem a realiza, mas desvendar a realidade em sua complexidade.

Essas são algumas reflexões sobre a questão da pesquisa no campo da intercultura que têm nos inspirado ao longo desses 15 anos de Núcleo Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais, tendo em vista a promoção da cidadania e da visibilidade de grupos que historicamente estiveram à margem da sociedade. Essas opções, inspiradas no legado de educadores populares e também do campo acadêmico, orientam os processos de construção do conhecimento no contato com a realidade e com seus construtores.

Acreditamos que, ao destacar essa visão de Educação, nós, do Núcleo Mover, contribuímos para uma universidade solidária, ativa, sintonizada com seu tempo e com a diversidade social que o compõe. A série de textos a seguir e a ação teórico-prática de seus autores foram tecidas com base nessa concepção, no bojo de uma visão de educação intercultural promotora da diversidade e da democratização do saber.